



184º paguina de outro offereci no 11  
ho a Simplicio, L. P. e. C. A. S.  
no 11 de 1858

# AURORA CAMPINEIRA.

ASSIGNATURAS

Campinas.

Por anno... 10\$000

Por semestre 6\$000

Publica-se uma vez na semana, subscreve-se na

Typ. Campineira, Rua do Portão n. 17

As assignaturas serão pagas adiantadas, recebem-se correspondências em termos comedidos, e com a competente responsabilidade e reconhecimento do tabelião; porque por seu conteúdo não respondem a redacção, nem os editores; nas noticias e comunicados, é attribuída a assignatura do informante, e para conhecimento da redacção.

Folha avulsa 240.

ASSIGNATURAS

Para fóra.

Por anno... 12\$000

Por semestre 7\$000

ANNO II.

CAMPINAS — SÁBADO 13 DE AGOSTO DE 1858.

N. 13

## A QUESTÃO BANCARIA.

### Haverá

uma anno um homem vispedoso a outro com moedas de 20\$000 ou 2 centos de reis pelo prazo de 12 mezes ao premio de 1 por 0/0 ao mez.

Fundo o prazo, o devedor foi pontualmente pagar a dois centos, e mais duzentos e quarenta mil reis que são o premio, pagou na mesma moeda, mas em vez de dar 112 moedas, deu somente 99 e mais uma 12\$500, nem as 100 que tinha recebido!

—Mas por que? Porque o ouro tinha um premio: uma moeda de 20\$000 valia 22\$500.

—Mas quer dizer que, ha um anno, quem possuia 20 centos em papel, possuia 20 centos em ouro, e que agora se possuia 17.500\$000 em ouro, e que a sua fortuna mengou 2.500\$000 por que, enfim, o papel se vale o ouro que deu por elle.

Quer dizer tambem que o capitalista se tivesse tido maior providencia, em vez de emprestar seu ouro, o teria guardado em seu cofre, por que ao menos assim não teria perdido, nem corrido o risco do empréstimo.

—Mas quer dizer que, se previrmos as cousas, ha de ser convindo aos capitalistas trocar seu papel por ouro em quanto as duas especies estiverem ao par e guardar este em vez de empresta-lo.

Quer dizer que muitos especuladores previdentes haviam de assim ter feito, donde o desaparecimento repentino do ouro da circulação.

Quer dizer, enfim, que assim mesmo o empréstimo de 100 moedas, todas os capitalistas que não guardaram o ouro... perderão no papel os 12 1/2 por 0/0 de sua fortuna.

—E quem seria o magico, que sem arrombar porras e gavetas, sem correr os azarres do tabarão, pôde apolpear a gente de uma parte da sua fortuna?

Quem? O agiota, o especulador dos bancos.

Ainda tem, se com a espoliação do capitalista se desenvolvem as fortunas, e todos ficam igualmente ricos; mas, pelo contrario, o homem que vive de par dia do seu trabalho tambem perde, por que paga tudo em ouro, ou dá o equivalente em maior somma de papel, em quanto o seu jornal em papel não augmenta. Por isso dá um crédito pelo chita e pelo algodão que encarece outrora uma pataca. Se d'antes vivea as estreitezas, agora, que tudo encareceu, vive na necessidade.

O unico que lucra a o agiota, que, tendo pouco ou nada de sua, fica milionario ganhando neste jogo do credito publico. Os 12 1/2 por 0/0 de fortuna publica passe para a sua gaveta, e para a dos banqueiros e dos caloteiros. Entre alguns os elles ditos, mas, entre uns legítimos donos.

—Mas, por que arte os especuladores dos bancos lucrão a este resultado de espoliação universal no Brazil?

Elles disserão: nos temos acções d'estados de terra, do Banco do Brazil, e de outras companhias; temos terras; tudo isto é ouro, por que ouro vale. Fazemos um banco com estes fundos, emitimos o triplo d'elles. De um, que temos, fazemos tres. Ganharemos os dividendos do Banco do Brazil e das estradas de ferro, equivalentes a um, e ganharemos tambem o dividendo do banco onde depositamos estes valores, ganho, equivalente a dois. E ca que tem terras ganhará um cotizado ellas, e ganhará dois que é o premio do dinheiro recebido para hypotheca d'ellas.

Se faltava dizer: com o papel do banco que fundamos, fazemos um fundo para criação de outro banco, que emitta o triplo do seu deposito, e assim multiplicaremos estes valores quantas vezes nos a-proviver, e com ellas crescerá immensamente a fortuna publica sem que a terra produza mais do que o café, do açúcar, do algodão, do fumo mais que o zombadão.

"Fac-simile" do primeiro jornal impresso em Campinas



Casas comerciais de Campinas, por solicitação da Comissão Executiva, collocaram em suas vitrinas retratos de antigos jornalistas. Na da firma R. Montferrer S.A. figura o retrato de Julio Mesquita, com exemplares de varios jornais, inclusive o "O Estado de S. Paulo".